

A Arte de Amar

Erick From



ERICH FROMM

A Arte de Amar

COLEÇÃO PERSPECTIVAS DO MUNDO

1. **A Arte de Amar** — ERICH FROMM.
(Tradução de MILTON AMADO).
2. **O Encontro do Amor e do Conhecimento** — MARTIN D'ARCY S.J.
(Tradução de ESTHER DE CARVALHO).
3. **Caminhos para Deus** — JACQUES MARITAIN.
4. (Tradução de NEIL R. DA SILVA).
5. **Mística: Cristã e Budista** — D. T. Sirauki.
6. (Tradução de DAVID JARDIM).

COLEÇÃO PERSPECTIVAS DO MUNDO
Planejada e Dirigida por RUTH NANDA ANSHEN

CONSELHO EDITORIAL

Niels Bohr, Richard Courant, Hu Shih, Ernest Jackh, Robert M. MacIver, Jacques Maritain, J. Robert Oppenheimer, Radhakrishnan, Alexander Sachs, I. I. Rabi

TRADUÇÃO DE
MILTON AMADO
TÍTULO DO ORIGINAL AMERICANO:
THE ART OF LOVING

Com este livro de Erich Fromm, editado nos Estados Unidos por Harper & Brothers e, na Grã-Bretanha, pela Casa George Allen & Unwin Ltd., como parte da coleção “World Perspectives”, iniciamos a publicação, em língua portuguesa, de uma coleção correspondente — PERSPECTIVAS DO MUNDO. A planejadora e diretora dessa coleção, Dra. Ruth Nanda Anshen, expõe, nas páginas introdutórias, o espírito que a orienta e as finalidades a que ela visa.

OS EDITORES

O que esta Coleção significa

PERSPECTIVAS DO MUNDO é um plano de apresentar livros sucintos sobre setores variados, de autoria de pensadores contemporâneos dos mais responsáveis. Seu objetivo é revelar novas tendências básicas da civilização moderna, interpretar as forças criadoras que agem no Oriente assim como no Ocidente, e apontar a uma nova consciência aquilo que possa contribuir para mais profunda compreensão das relações mútuas entre o homem e o universo, o indivíduo e a sociedade, e dos valores de que todos os povos compartilham. PERSPECTIVAS DO MUNDO representa a comunidade mundial de idéias num universo de debate, acentuando o princípio da unidade na humanidade, da permanência dentro da mutação.

Desenvolvimentos recentes em muitos campos do pensamento abriram possibilidades insuspeitadas de mais profunda compreensão da situação do homem e de mais adequada apreciação dos valores e aspirações humanos. Tais possibilidades, ainda que produto de estudos puramente especializados em setores restritos, exigem, para ser analisadas e sintetizadas, nova estrutura, novo enquadramento, em que possam ser exploradas, enriquecidas e levadas avante em todos os seus aspectos, para proveito do homem e da sociedade. Tal estrutura e tal enquadramento, PERSPECTIVAS DO MUNDO procura defini-los no esperançoso rumo de uma doutrina do homem.

Pretende ainda esta Coleção: vencer uma enfermidade principal da humanidade, a saber, os efeitos da atomização do conhecimento produzida pela acabrunhante acumulação de fatos que a ciência criou; esclarecer e sintetizar idéias por meio da profunda fertilização dos espíritos; mostrar, de diversos e importantes pontos de vista, a correlação de idéias, fatos e valores que estão em perpétuo jogo mútuo; demonstrar o caráter, a conexão, a lógica e a operação do organismo inteiro da realidade, mostrando ao mesmo tempo a persistente interrelação dos processos da mente humana e, nos interstícios do conhecimento, revelar a síntese interior e a unidade orgânica da própria vida.

PERSPECTIVAS DO MUNDO sustenta a tese de que, apesar da diferença e diversidade das disciplinas representadas, existe forte acordo comum entre seus autores, no que diz respeito à esmagadora necessidade de contrabalançar a multidão de incitantes atividades científicas e investigações de fenômenos objetivos, da física à metafísica, da história e da biologia, relacionando-as com experiências significativas. A fim de oferecer esse equilíbrio, é necessário estimular a compreensão do fato básico de que, afinal, a personalidade humana individual deve atar todas as pontas soltas em um conjunto orgânico, deve relacionar-se consigo mesma, com a humanidade e com a sociedade, ao mesmo tempo que aprofunda e incentiva sua comunhão com o universo. Alicerçar esse espírito e gravá-lo na vida espiritual e intelectual da humanidade, nos que pensam como nos que atuam, é em verdade enorme e desafiante tarefa, que não pode ser deixada totalmente à ciência natural, de um lado, nem à religião organizada, do outro. Confronta-nos, realmente, a inflexível necessidade de descobrir um princípio de diferenciação, e contudo de relação, bastante lúcido para justificar e purificar o conhecimento científico, filosófico e qualquer outro, ao mesmo tempo que aceitando sua mútua interdependência. Esta é a crise da consciência que se articula através da crise da ciência. É o novo despertar.

Esta Coleção se dedica a reconhecer que todas as grandes mudanças são precedidas de vigorosa reavaliação e reorganização intelectuais. Nossos autores estão conscientes de que o pecado da arrogância pode ser evitado mostrando-se que o próprio processo criador não é uma atividade livre, se por livre entendermos o arbitrário ou o não relacionado com a lei cósmica. De fato, o processo criador na mente humana, o processo de desenvolvimento na natureza orgânica e as leis básicas do

reino inorgânico podem ser apenas expressões variadas de um processo formativo universal. Assim, PERSPECTIVAS DO MUNDO espera mostrar que, embora o presente período apocalíptico seja de tensões excepcionais, também existe em ação um movimento excepcional no rumo de uma unidade compensadora que não possa violar o derradeiro poder moral que embebe o universo, esse mesmo poder de que todos os esforços humanos devem, afinal, depender. Desse modo, podemos chegar a compreender que existe uma independência de crescimento espiritual e mental que, embora condicionada por circunstâncias, nunca é pelas circunstâncias determinada. De modo idêntico, a grande pletora de conhecimentos humanos pode ser correlacionada com a penetração na natureza da natureza humana, ao ser sincronizada com a ampla e profunda escala do pensamento e da experiência humanos. Realmente, o que falta não é o conhecimento da estrutura do universo, mas a consciência da unicidade qualitativa da vida humana.

E, por fim, esta Coleção sustenta a tese de que o homem se acha em processo de desenvolver uma nova compreensão que, apesar de seu aparente cativo espiritual e moral, pode vir a erguer a raça humana acima e além do medo, da brutalidade, da ignorância e do isolamento que hoje a afligem. A essa nascente consciência, a esse conceito do homem nascido de uma viçosa visão da realidade é que PERSPECTIVAS DO MUNDO é dedicada.

Nova York, 1958.

RUTH NANDA ANSHEN

ÍNDICE

O que esta coleção significa

Preâmbulo

I - É o amor uma arte?

II - A teoria do amor

1 - Amor resposta ao problema da existência humana

2 - Amor entre pais e filhos

3 - Dos objetos do amor

III - O amor e sua desintegração na Sociedade Ocidental Contemporânea

IV - A Prática do Amor

Preâmbulo

A LEITURA deste livro seria decepcionante experiência para quem esperasse fácil instrução sobre a arte de amar. Este livro, ao contrário, quer mostrar que o amor não é um sentimento em que qualquer um se possa comprazer, sem levar em conta o nível de maturidade que alcançou. Deseja convencer o leitor de que todas as suas tentativas de amar estão fadadas a falhar se ele não procurar, com o máximo de atividade, desenvolver sua personalidade total, de modo a conseguir uma orientação produtiva; convencê-lo de que a satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a capacidade de amar ao próximo, sem verdadeira humildade, coragem, fé e disciplina. Numa cultura em que tais qualidades são raras, o alcance da capacidade de amar deve permanecer uma conquista rara. Ou... qualquer um pode perguntar a si mesmo quantas pessoas tem conhecido que verdadeiramente amam.

Contudo, a dificuldade da tarefa não deve ser razão para que nos abstenhamos de tentar conhecer-lhe os óbices, assim como as condições de sua realização, para evitar complicações desnecessárias, tentei tratar do problema em linguagem que, tanto quanto possível, não é técnica. Pela mesma razão, também reduzi ao mínimo as referências à literatura sobre o amor.

Para outro problema não encontrei solução completamente satisfatória: foi o de evitar repetição de idéias expressas em anteriores livros meus. O leitor familiarizado, especialmente, com Evasão da Liberdade, O Homem para Si Mesmo e A Sociedade Sadia encontrará neste livro muitas idéias manifestadas nessas obras precedentes. Contudo, A Arte de Amar de modo algum é principalmente uma recapitulação. Apresenta muitas idéias além das previamente expressas e, muito naturalmente, mesmo idéias antigas às vezes ganham perspectivas novas pelo fato de se centralizarem todas em torno de um tópico, o da arte de amar.

Quem nada conhece, nada ama.

Quem, nada pode fazer, nada compreende.

Quem nada compreende, nada vale.

Mas quem compreende também ama, observa,
vê...

Quanto mais conhecimento houver inerente numa
coisa tanto maior o amor...

Aquele que imagina que todos os frutos
amadurecem ao mesmo tempo, como as cerejas,

nada sabe a respeito das uvas.

PARACELSO

I - É o Amor uma Arte?

É O AMOR uma arte? Se o é, exige conhecimento e esforço. Ou será o amor uma sensação agradável, que se experimente por acaso, algo em que se “cai” quando se tem sorte? Este livrinho baseia-se na primeira hipótese, embora indubitavelmente a maioria das pessoas, hoje, acredite na segunda.

Não é que se pense que o amor não é importante. Todos sentem fome dele; assistem a infindável número de filmes sobre história de amor, felizes e infelizes, ouvem centenas de sovadas canções que falam de amor e, contudo, quase ninguém pensa haver alguma coisa a respeito do amor que necessite ser aprendida.

Essa atitude peculiar baseia-se em várias premissas que, isoladas ou combinadas, tendem a sustentá-la. A maioria das pessoas vê o problema do amor, antes de tudo, como o de ser amado, em lugar do de amar, da capacidade de alguém para amar. Assim, para essas pessoas o problema é como serem amadas, como serem amáveis. Na busca desse alvo, seguem diversos caminhos. Um deles, especialmente utilizado pelos homens, é ter sucesso, ter todo o poder e riqueza que a sua posição social permitir. Outro, especialmente utilizado pelas mulheres, é tornarem-se atraentes, pelo cuidado com o corpo, o vestuário, *etc.* Outros modos de se fazer alguém atraente, usados tanto por homens como por mulheres, são o desenvolvimento de maneiras agradáveis, conversação interessante, a prestatividade, a modéstia, a inofensividade. Muitas das maneiras de uma pessoa se tornar amável são as mesmas empregadas para obter sucesso, “para conquistar amigos e influenciar os outros”. Na realidade, o que a maioria dos de nossa cultura considera ser amável é, essencialmente, uma mistura de ser popular e possuir atração sexual.

Segunda premissa por trás dessa atitude de que nada há a aprender a respeito do amor é a idéia de que o problema do amor é o problema de um objeto e não o de uma faculdade. Pensa-se que amar é simples, mas que é difícil encontrar o objeto certo a amar — ou pelo qual ser amado. Tal atitude tem muitas razões enraizadas no desenvolvimento da sociedade moderna. Uma dessas razões é a grande mudança ocorrida no século XX com relação à escolha de um “objeto de amor”. Na época vitoriana, como em muitas culturas tradicionais, não era o amor principalmente uma experiência pessoal espontânea que a seguir pudesse levar ao casamento.

Ao contrário, o casamento se contratava por convenção — ou pelas famílias respectivas, ou por um agente matrimonial, ou sem o auxílio desses intermediários; consumava-se na base de considerações sociais e julgava-se que o amor se desenvolveria depois de efetuado o casamento. Nas últimas poucas gerações,! o conceito de amor romântico tornou-se quase universal no mundo do Ocidente. Nos Estados Unidos, ainda que considerações de natureza convencional não estejam de todo ausentes, vasto número das pessoas anda à busca do “amor romântico”, da experiência pessoal de amor que acabe por levar ao matrimônio. Esse novo conceito de liberdade no amor deve ter acentuado grandemente a importância do objeto em contraste com a importância da função.

Relaciona-se estreitamente com esse fator outro aspecto característico da cultura contemporânea. Toda a nossa cultura se baseia no apetite da compra, na idéia de uma troca mutuamente favorável. A felicidade do homem moderno consiste na sensação de olhar as vitrinas das lojas e em comprar tudo quanto esteja em condições de comprar, quer a dinheiro, quer a prazo. Ele (ou ela) encara as pessoas de maneira semelhante. Para o homem, uma mulher atraente (e, para a mulher, um homem atraente), e^{is} o lucro a obter. “Atraente” vem a significar, normalmente, um bom fardo de qualidades que sejam populares e muito procuradas no mercado da personalidade. O que torna especificamente unia pessoa atraente depende da moda da época, tanto física como mentalmente. Na década de 1920, uma moça que bebesse e fumasse, fosse decidida e sensual, era atraente; hoje, a moda pede mais domesticidade e recato. No fim do século XIX no começo do atual, um homem tinha de ser agressivo e ambicioso, para ser “mercadoria” atraente: hoje, tem de ser sociável e tolerante. De qualquer modo, a sensação de cair enamorado só se; desenvolve normalmente com relação aos artigos humanos que estejam ao alcance das possibilidades de transação de alguém. Saio para uma troca: o objeto deve ser desejável, sob o aspecto de seu valor social, e ao mesmo tempo deve desejar-me, levando em consideração minhas potencialidades e recursos expostos e ocultos. Assim, duas pessoas se apaixonam quando sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais. Muitas vezes, como na compra de um imóvel, as potencialidades ocultas que possam ser desenvolvidas desempenham considerável papel na transação. Numa cultura em que prevalece a orientação mercantil, e em que o sucesso material é o valor predominante,

pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho.

O terceiro erro que leva à idéia de nada haver para ser aprendido a respeito do amor consiste na confusão entre a experiência inicial de “cair” enamorado e o estado permanente de estar amando, ou, como poderíamos dizer melhor, de “permanecer” em amor. Se duas pessoas estranhas uma à outra, como todos somos, subitamente deixam ruir a parede que as separa e se sentem próximas, se sentem uma só, esse momento de unidade é uma das mais jubilosas e excitantes experiências da vida. É tudo o que há de mais admirável e miraculoso para quem tem estado fechado em si, isolado, sem amor. Esse milagre de súbita intimidade é muitas vezes facilitado quando se combina, ou se inicia, com a atração sexual e sua satisfação. Contudo, tal tipo de amor, por sua própria natureza, não é duradouro. As duas pessoas tornam-se bem conhecidas, sua intimidade perde cada vez mais o caráter miraculoso, e seu antagonismo, suas decepções, seu mútuo fastio acabam por matar tudo quanto restava da excitação inicial. Entretanto, no começo, elas de nada disso sabem; de fato, tomam a intensidade da paixão, a “loucura” que sentem uma pela outra, como prova da intensidade de seu amor, quando isso apenas provaria o grau de sua anterior solidão.

Essa atitude — a de que nada é mais fácil do que amar — tem continuado a ser a idéia predominante a respeito do amor, apesar da esmagadora prova em contrário. Dificilmente haverá qualquer atividade, qualquer empreendimento que comece com tão tremendas esperanças e expectativas e que, contudo, fracasse com tanta regularidade, quanto o amor. Se isso se desse com qualquer outra atividade, todos estariam ansiosos por saber das razões do fracasso, por aprender como se poderia fazer melhor — ou então desistiriam de tal atividade. Como esta última alternativa é impossível no caso do amor, parece haver apenas um meio adequado de superar a falência amorosa: examinar as razões dessa falência e passar a estudar significação do amor.

O primeiro passo a dar é tornar-se consciente de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte; se quisermos aprender como se ama, devemos proceder do mesmo modo por que agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura, a carpintaria, ou a arte da medicina ou da engenharia,

Quais são os passos necessários para aprender qualquer arte?

O processo de aprendizado de uma arte pode ser adequadamente dividido em duas partes: uma, o domínio da teoria; outra, o domínio da prática. Se eu quiser aprender a arte da medicina, devo primeiro conhecer os fatos a respeito do corpo humano e de várias doenças. Quando tiver todo esse conhecimento teórico, de modo algum serei competente na arte da medicina. Só me tornarei mestre nessa arte depois de grande prática, até que os resultados de meu conhecimento teórico e os de minha prática acabem por mesclar-se numa só coisa: em minha intuição, essência do domínio de qualquer arte. Além, entretanto, de aprender a teoria e a prática, há um terceiro fator necessário para que me tome mestre em qualquer arte: o domínio da arte deve ser questão de extrema preocupação; nada deve existir no mundo de mais importante do que essa arte. Isto é verdade quanto à música, à medicina, à carpintaria — e quanto ao amor. E talvez aí esteja a resposta à indagação sobre os motivos pelos quais a gente de nossa cultura tão raramente tenta aprender essa arte, a despeito de seus evidentes fracassos: apesar da profundamente enraizada afeição pelo amor, quase tudo mais é considerado mais importante do que o amor: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder. Quase toda a nossa energia é utilizada em aprender como alcançar esses alvos e quase nenhuma é dedicada a aprender a arte de amar.

Dar-se-á que só se considerem dignas de ser vendidas aquelas coisas com as quais se pode obter dinheiro ou prestígio, e que o amor, que “só” traz proveito à alma, mas não é proveitoso no sentido moderno, seja um luxo, em que não tenhamos o direito de gastar muita energia? Seja como for, o debate em que vamos entrar tratará a arte de amar no sentido das seguintes divisões: primeiramente, discutirei a teoria do amor — e isto compreenderá a maior parte do livro; em seguida, discutirei a prática do amor — o pouco que pode ser dito a respeito de prática, neste como em qualquer outro campo.

II - A Teoria do Amor

1 — AMOR, RESPOSTA AO PROBLEMA DA EXISTÊNCIA HUMANA

QUALQUER teoria do amor deve começar com uma teoria do homem, da existência humana. Se encontramos amor, ou antes, o equivalente do amor nos animais, seus afetos são principalmente parte do seu equipamento instintivo; só remanescentes desse equipamento instintivo podem ser vistos em ação no homem. Essencial na existência do homem é o fato de que ele emergiu do reino animal, da adaptação instintiva, transcendeu a natureza — embora sem nunca a deixar; é parte dela — e, contudo, uma vez desviado da natureza, não pode voltar a ela; uma vez expulso do paraíso — estado de unidade original com a natureza — um querubim de espada flame jante barra-lhe o caminho, caso tente retomar. O homem só pode ir á frente desenvolvendo sua razão, encontrando uma nova harmonia, que seja humana, em lugar da harmonia pré-humana irrecuperavelmente perdida.

Quando o homem nasce — a raça humana assim como o indivíduo — é lançado fora de uma situação que era definida, tão definida quanto os instintos, para uma situação indefinida, incerta e exposta. Somente há certeza com relação ao passado — e, quanto ao futuro, apenas com relação à morte.

O homem é dotado de razão; é a vida consciente de si mesma; tem, consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de seu futuro. Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade, de ter de morrer antes daqueles que ama, ou estes antes dele, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com eles, com o mundo exterior.

A experiência da separação desperta a ansiedade; é, de fato, a fonte de toda ansiedade. Ser separado significa ser cortado, sem qualquer capacidade de usar os poderes humanos. Eis porque ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições para reagir. Assim, a separação é a fonte de intensa ansiedade. Além disso, ela dá origem à vergonha e ao sentimento de culpa. Esta

experiência de culpa e vergonha na separação está expressa na história Bíblica de Adão e Eva. Depois que Adão e Eva comeram da “árvore do conhecimento do bem e do mal”, depois que desobedeceram (pois não há bem nem mal a menos que haja a liberdade de desobedecer), depois que se tornaram humanos por se terem emancipado da original harmonia animal com a natureza, isto é, depois de seu nascimento como seres humanos, — viram que “estavam nus e ficaram envergonhados”. Deveríamos imaginar que um mito tão antigo e elementar como este tenha a moral pudica da concepção do século XIX e que o ponto importante que a história deseja mostrar-nos é a confusão por estarem visíveis seus órgãos genitais? Dificilmente poderia ser assim e, se entendermos a história com espírito vitoriano, perderemos o ponto principal, que parece ser o seguinte: depois que o homem e a mulher ficaram conscientes de si mesmos e cada um do outro, tiveram a consciência de que eram separados, de sua diferença, tanto quanto de pertencerem a diferentes sexos. Mas, ao reconhecerem sua separação, permaneceram estranhos, porque ainda não haviam aprendido a amar um ao outro (o que é também tornado claro pelo fato de que Adão se defende culpando Eva, em vez de tentar defendê-la). A consciência da separação humana, sem a reunião pelo amor, é a fonte da vergonha. Ê, ao mesmo tempo, a fonte da culpa e da ansiedade.

A mais profunda necessidade do homem, assim, é a necessidade de superar sua separação, de deixar a prisão em que está só. A falência absoluta em alcançar esse alvo significa loucura, porque o pânico do isolamento completo só pode ser ultrapassado por um afastamento do mundo exterior de tal modo radical que o sentimento da separação desapareça — porque o mundo exterior, de que se está separado, também desapareceu.

O homem — de todas as idades e culturas — vê-se diante da solução de uma só e mesma questão: a de como superar a separação, a de como realizar a união, a de como transcender a própria vida individual e encontrar sintonia. A questão é a mesma para o homem primitivo da vida em cavernas, para o nômade a cuidar de seus rebanhos, para o camponês do Egito, o mercador fenício, o soldado romano, o monge medieval, o samurai japonês, o escriturário e o operário modernos. E a questão é a mesma porque se ergue do mesmo campo: a situação humana, as condições da existência humana. A resposta varia. Pode a questão ser respondida pelo culto animal, pelo sacrifício humano ou pela conquista militar, pelo

comprazimento na luxúria, pela renúncia ascética, pelo trabalho obcecado, pela criação artística, pelo amor de Deus e pelo amor do Homem. Se há, porém, muitas respostas — e seu registro forma a história humana — não são elas, entretanto, inúmeras. Ao contrário, desde que ignoremos as diferenças menores, que mais pertencem à periferia do que ao centro, descobrimos que só um limitado número de respostas pode ser dado, e só tem podido ser dado pelo homem, nas várias culturas em que tem vivido. A história da religião e da filosofia é a história dessas respostas é de sua diversidade, assim como de sua limitação em número.

Dependem as respostas, em certa extensão, do grau de individualidade que um indivíduo alcançou. Na criança, o ego desenvolveu-se apenas pouco ainda; ela ainda se sente unida à mãe, não tem sentimento de separação enquanto a mãe está presente. Seu sentimento de solidão é curado pela presença física da mãe, seu seio, sua pele. Só chegado o grau em que a criança desenvolve seu sentimento de separação e individualidade é que a presença física da mãe já não mais basta, surgindo a necessidade de superar por outros meios a separação.

De igual modo, a raça humana, em sua infância, sente-se ainda unida à natureza. O solo, os animais, as plantas ainda são o mundo do homem. Ele se identifica com os animais e isto se expressa pelo uso de máscaras de animais, pela adoração de um totem animal ou de deuses animais. Quanto mais, porém, a raça humana emerge desses laços primários, tanto mais se separa do mundo natural, tanto mais intensa se torna a necessidade de encontrar meios novos de fugir à separação.

Um meio de alcançar esse objetivo está em todas as espécies de estado orgíacos. Podem ter eles a forma de um transe auto-provocado, às vezes com a ajuda de drogas. Muitos ritos de tribos primitivas oferecem vivo quadro desse tipo de solução. Num estado transitório de exaltação, o mundo externo desaparece, e, com ele, o sentimento de estar dele separado. E como esses ritos são praticados em comum, acrescenta-se uma experiência de fusão com o grupo que dá a tal solução o máximo de eficiência. Estreitamente relacionada com essa solução orgíaca e muitas vezes mesclada a ela está a experiência sexual. O orgasmo sexual pode produzir um estado semelhante ao produzido por um transe, ou pelos efeitos de certas drogas. Ritos de orgias sexuais comunitárias faziam parte de muitos rituais primitivos. Parece que, depois da experiência orgíaca, o homem pode

continuar por algum tempo sem sofrer demais com sua separação. Vagarosamente, a tensão da ansiedade sobe, e é de novo reduzida pela realização repetida do rito.

Enquanto esses estados orgíacos forem motivo de prática comum numa tribo, não produzem eles ansiedade ou culpa. Agir de tal modo é reto, virtuoso mesmo, pois é um modo de que todos compartilham, aprovado e requerido pelo pagé ou pelos sacerdotes; daí não haver razão para que alguém se sinta culpado ou envergonhado. Bem diferente é o caso quando a mesma solução é escolhida por um indivíduo em uma cultura que deixou para trás essas práticas comuns. O alcoolismo e o uso de drogas são as formas que o indivíduo escolhe numa cultura não orgíaca. Em contraste com os que tomam parte na solução socialmente modelada, tais indivíduos sofrem sentimentos de culpa e remorso. Ao tentarem fugir da separação pelo refúgio no álcool e nos entorpecentes, sentem-se ainda mais separados depois que termina a experiência orgíaca, e assim são levados a recorrer a ela com freqüência e intensidade aumentadas. Pouquíssimo - diferente disso é o recurso a uma solução orgíaca sexual. Até certo ponto, é uma forma natural e normal de superar a separação e uma resposta parcial ao problema do isolamento. Mas, em muitos indivíduos em que a separação não é aliviada por outros meios, a procura do orgasmo reveste-se de uma função que não a faz muito diferente do alcoolismo e do vício das drogas. Torna-se uma tentativa desesperada para fugir à ansiedade engendrada pela separação e resulta num sempre crescente sentimento de separação, visto como o ato sexual sem amor nunca lança uma ponte sobre o abismo entre dois seres humanos, senão momentaneamente.

Todas as formas de união orgíaca têm três características: são intensas, violentas até; ocorrem na personalidade total, no corpo e no espírito; são transitórias e periódicas. Exatamente o oposto é verdadeiro quanto àquela forma de união que é, em muito, a solução mais freqüente escolhida pelo homem no presente e no passado: a união baseada na conformidade com o grupo, seus costumes, práticas e crenças. Aqui, mais uma vez, encontramos considerável desenvolvimento.

Numa sociedade primitiva o grupo é pequeno; consiste daqueles com que alguém compartilha do sangue e do solo. Com o desenvolvimento crescente da cultura, o grupo amplia-se; consta dos cidadãos de uma polis, dos cidadãos de um grande estado, dos membros de uma igreja. Mesmo o

pobre romano sentia orgulho de poder dizer: “*civis romanus sum*”; Roma e o Império eram sua família, seu lar, seu mundo. Também na sociedade ocidental contemporânea, a união com o grupo é o modo predominante de superar a separação, É uma união em que o ser individual desaparece em ampla escala, em que o alvo é pertencer ao rebanho. Se sou como todos os mais, se não tenho sentimentos ou pensamentos que me façam diferentes, se estou em conformidade com os costumes, idéias, vestes, padrões do grupo, estou salvo; salvei-me da terrível experiência da solidão. Os sistemas ditatoriais utilizam ameaças e terror para levar a essa conformidade; os países democráticos usam a sugestão e a propaganda. Há, na verdade, uma grande diferença entre os dois sistemas. Nas democracias, o não-conformismo é possível e, de fato, não está de modo algum inteiramente ausente; nos sistemas totalitários, só uns poucos e insólitos heróis e mártires podem ser considerados capazes de recusar obediência. Apesar, entretanto, de tal diferença, as sociedades democráticas mostram esmagador grau de conformismo. A razão está no fato de que é preciso haver uma resposta ao anseio de união e, se não houver outro meio melhor, então a união da conformidade no rebanho se torna a predominante. Só se pode compreender a força do medo de ser diferente, do medo de estar que poucos passos fora do rebanho, quando se compreendem as profundidades da necessidade de não ser separado. Às vezes, esse medo do não-conformismo é racionalizado como temor a perigos reais que podem ameaçar a não-conformista. Mas, na realidade, as pessoas querem conformar-se em grau muito mais alto do que são forçadas a conformar-se, pelo menos nas democracias ocidentais.

Na maioria, o povo nem sequer tem consciência de sua necessidade de conformar-se. Vive sob a ilusão de seguir suas próprias idéias e inclinações, de ser individualista, de ter chegado a suas opiniões como resultado de seus próprios pensamentos — apenas acontecendo que suas idéias são as mesmas da maioria. O consenso de todos serve como prova da correção de “suas” idéias. Havendo ainda necessidade de sentir certa individualidade, essa necessidade é satisfeita com relação a diferenças menores; o monograma na pasta ou no suéter, a placa com o nome do caixa do banco, o fato de pertencer ao Partido Democrático contra o Republicano, ou a esta associação em vez de àquela, tornam-se expressão de diferenças individuais. O “slogan” de anúncios de que uma coisa “é diferente” demonstra essa necessidade patética de diferença, quando na realidade quase nenhuma resta.

A tendência crescente para eliminação das diferenças relaciona-se de perto com o conceito e a experiência da igualdade, tal como se desenvolve nas mais adiantadas sociedades industriais. A igualdade tem significado, num contexto religioso, sermos todos filhos de Deus, participarmos todos da mesma substância humano-divina, sermos todos um. Significa também que as próprias diferenças entre indivíduos devem ser respeitadas, pois, se é verdade que somos todos um, não menos verdade é que cada um de nós é uma entidade única, um cosmos por si mesmo. Tal convicção da singularidade do indivíduo é manifestada, por exemplo, na afirmativa Talmúdica: “Quem salva uma só vida faz como se salvasse o mundo inteiro; quem destrói uma só vida faz como se houvesse destruído o mundo inteiro”. Igualdade como condição para o desenvolvimento da individualidade era também a significação desse conceito na filosofia ocidental das Luzes. Significava (mais claramente formulada por Kant) que nenhum homem deve servir de meio para os fins de outro homem; que todos os homens eram iguais visto como aram fins, somente fins, e nunca meios para qualquer outro. Acompanhando as idéias da Filosofia das Luzes, pensadores socialistas de várias escolas definiram a igualdade como a abolição da exploração, do uso do homem pelo homem, não importando que esse uso fosse cruel ou “humano”.

Na sociedade capitalista contemporânea, o significado de igualdade transformou-se. Por igualdade, faz-se referência à igualdade dos autômatos, dos homens que perderam sua individualidade. Igualdade, hoje significa “mesmice”, em vez de “unidade”. É a mesmice das abstrações, dos homens que trabalham nos mesmos serviços, têm as mesmas diversões, lêem os mesmos jornais, experimentam os mesmos sentimentos e as mesmas idéias. A este respeito, deve-se também olhar com certo ceticismo certas conquistas que são costumeiramente louvadas como marcos de nosso progresso, tais como igualdade das mulheres. É desnecessário dizer que não estou falando contra a igualdade das mulheres; mas os aspectos positivos dessa tendência para a igualdade não devem enganar ninguém. Ela é parte da inclinação para a eliminação de diferenças. A igualdade é adquirida exatamente a este preço: as mulheres são iguais, porque já não são mais diferentes. A proposição da filosofia das Luzes, *râme n'a pas de sexe*, a alma não tem sexo, tornou-se a prática geral. A polaridade dos sexos está desaparecendo, e com ela o amor erótico, que se baseia nessa polaridade. Homens e mulheres tornam-se os mesmos pólos, e não pólos iguais, como

opostos. A sociedade contemporânea advoga esse ideal de igualdade não individualizada, porque necessita de átomos humanos, cada qual o mesmo, a fim de fazê-los funcionar numa agregação de massa, suavemente, sem fricções, obedecendo todos ao mesmo comando e, contudo, convencido cada qual de estar seguindo seus próprios desejos. Assim como a moderna produção em massa exige a padronização dos artigos, também o processo social requer a padronização do homem, e tal padronização é chamada “igualdade”.

A união pela conformidade não é intensa e violenta; é calma, ditada pela rotina e, por essa mesma razão, é muitas vezes insuficiente para apaziguar a ansiedade da separação. A incidência do alcoolismo, do vício de drogas, do sexualismo forçado e do suicídio na sociedade ocidental contemporânea é sintoma dessa falência relativa da conformidade de rebanho. Além do mais, tal solução diz respeito principalmente à mente e não ao corpo e, por essa razão, é demasiado falha em relação às soluções orgíacas. O conformismo de rebanho tem apenas uma vantagem: é permanente e não espasmódico. O indivíduo é introduzido no padrão conformista com a idade de três ou quatro anos e daí por diante nunca perde o contacto com o rebanho. Mesmo seu funeral, que ele antevê como o último de seus grandes eventos sociais, está em estreita conformidade com os padrões.

Além da conformidade como meio de aliviar a ansiedade que nasce da separação, outro da vida contemporânea deve ser considerado: o papel do trabalho de rotina e do prazer de rotina. O homem torna-se “sujeito a ponto”, é parte da força de trabalho, ou da força burocrática de escreventes e gerentes. Tem pouca iniciativa, suas tarefas são prescritas pela organização do trabalho; existe mesmo pouca diferença entre os que estão no alto da escada e os que ficam em baixo. Todos realizam tarefas prescritas pela estrutura total da organização, a velocidade prescrita, da maneira prescrita. Mesmo os sentimentos são prescritos: cordialidade, tolerância, lealdade, ambição e capacidade de conviver com todos sem atritos. A diversão é rotinizada de maneiras semelhantes, embora não de todo tão drásticas. Os livros são escolhidos pelos clubes de livros, os filmes pelos donos dos cinema e pelas sugestões de anúncios que eles pagam; o resto é também uniforme: o passeio dominical de automóvel, a sessão de televisão, o jogo de cartas, as festas sociais. Do nascimento à morte, de segunda a segunda-feira, de manhã à noite, todas as atividades são rotinizadas e pré-fabricadas. Como poderia um homem apanhado nessa rede de rotina deixar

de esquecer que é um homem, um indivíduo único, alguém a quem só é dada esta oportunidade única de viver, com esperanças e decepções, com tristezas e temores, com a ânsia de amar e o horror ao nada e à separação?

Terceiro meio de alcançar a união está a atividade criadora, seja ela a do artista ou do artesão. Em qualquer espécie de trabalho criador, a pessoa que cria une-se a seu material, que representa o mundo que lhe é exterior. Faça um marceneiro uma mesa, ou um ourives uma jóia, cultive o camponês seu cereal, ou pinte o pintor um quadro, em todos os tipos de obra criadora o trabalhador e seu objeto tornam-se um, o homem se une ao mundo no processo da criação. Isto, porém, só permanece verdadeiro para o trabalho produtivo, para a obra que eu planejo, produzo e em que vejo o resultado de meu trabalho. No moderno processo de trabalho de um escrevente, do operário na plataforma sem fim, pouco resta dessa qualidade unidora da obra. O trabalhador torna-se apêndice da máquina ou da organização burocrática. Deixou de ser ele mesmo; daí porque não se verifica outra união fora da do conformismo.

A unidade realizada na obra produtiva não é interpessoal; a unidade conseguida na fusão orgiaca é transitória; a unidade alcançada pelo conformismo é apenas pseudo-unidade. Eis porque são todas, apenas, respostas parciais ao problema da existência. A resposta completa está na realização da unidade interpessoal, da fusão com outra pessoa: está no amor.

O desejo de fusão interpessoal é o mais poderoso anseio do homem. É a paixão mais fundamental, é a força que conserva juntos a raça humana, clã, a família, a sociedade. O fracasso em realizá-la significa loucura ou destruição — auto-destruição ou destruição de outros. Sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia. Contudo, se chamarmos “amor” a realização da união interpessoal, poderemos encontrar-nos em séria dificuldade. A fusão pode ser obtida de diversos modos — e as diferenças não são menos significativas do que aquilo que é comum às várias formas de amor. Devem ser todas chamadas amor? Ou devemos reservar a palavra “amor” somente para um tipo específico de união, aquele que tem sido a virtude ideal para todas as grandes religiões humanísticas e sistemas filosóficos dos últimos quatro mil anos de história ocidental e oriental.

Como se dá com todas as dificuldades semânticas, a resposta só pode ser arbitrária. O que importa é sabermos de que espécie de união estamos

falando, quando falamos de amor. Referimo-nos ao amor como à resposta amadurecida ao problema da existência, ou falamos das formas imaturas do amor que podem ser chamadas união simbiótica. Nas páginas seguintes, darei o nome de amor apenas à primeira. Começarei a discussão sobre o “amor” com a última.

A união simbiótica tem seu modelo biológico na relação entre a mãe grávida e o feto. São dois e, contudo, um. Vivem “juntos” (*sym-bio-sis*), necessitam um do outro. O feto é parte da mãe, recebe dela tudo de que necessita; a mãe é seu mundo, em suma: alimenta-o, protege-o, mas também a própria vida dela é acrescida por ele. Na união simbiótica psíquica, os dois corpos são independentes, mas a mesma espécie de ligação existe psicologicamente.

A forma passiva da união simbiótica é a da submissão, ou, se usarmos um termo clínico, a do masoquismo. A pessoa masoquista foge ao insuportável sentimento de isolamento e separação tornando-se parte e porção de outra pessoa, que a dirige, guia, protege; que, em suma, é sua vida e seu oxigênio. O poder daquele a quem alguém se submete é expandido, trate-se de uma pessoa ou de um deus; é tudo, e o submisso nada, exceto naquilo em que é parte dele. Como parte, é parcela da grandeza, da força, da certeza. A pessoa masoquista não tem de tomar decisões, não precisa assumir quaisquer riscos; nunca está só — mas não é independente; não tem integridade; ainda não nasceu de todo. Num contexto religioso, o objeto da adoração é chamado ídolo; num contexto secular de relações de amor masoquismo mecanismo essencial, o da idolatria, é o mesmo. A relação masoquista pode-se misturar com o desejo físico, sexual; neste caso, não é só uma submissão de que participe o espírito de alguém, mas também todo o corpo. Pode haver submissão masoquista ao destino, à enfermidade, à música rítmica, ao estado orgiaco produzido por drogas ou sob transe hipnótico: em todos esses exemplos a pessoa renuncia à sua integridade, torna-se o instrumento de alguém ou de algo fora dela própria; não precisa de resolver o problema de viver por meio da atividade produtiva.

A forma ativa da fusão simbiótica é a dominação, ou, para empregar o termo psicológico correspondente ao masoquismo, o sadismo. A pessoa sadista quer escapar de sua solidão e de sua sensação de encarceramento,

fazendo de outra pessoa uma parte, uma parcela de si mesma. Expande-se e valoriza-se incorporando outra pessoa, que a adora.

A pessoa sadista depende tanto da pessoa submissa quanto esta daquela; uma não pode viver sem a outra. A diferença só está em que a pessoa sadista ordena, explora, fere, humilha, e a masoquista é mandada, explorada, ferida, humilhada. Tal diferença é considerável num sentido realista; num sentido emocional mais profundo, a diferença não é tão grande quanto o que ambas têm em comum: fusão sem integridade. Se se compreende isto, também não é surpreendente verificar que normalmente uma pessoa reage tanto da maneira sadista como da masoquista, de modo geral para com objetos diversos. Hitler reagia primordialmente de maneira sadista para com o povo, mas masoquista-mente para com o destino, a história, o “poder mais alto” da natureza. Seu fim — o suicídio em meio à destruição geral — é tão característico quanto o foi seu sonho de sucesso, de dominação total. (*Fears of Escape from Freedom*, E. Fromm, Londres, Routledge, 1942).

Em contraste com a união simbiótica, o amor amadurecido é união sob a, condição de preservar a integridade própria, a própria individualidade. O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois,

Ao dizermos que o amor é uma atividade, enfrentamos uma dificuldade que reside na significação ambígua desta palavra. Por “atividade”, no emprego moderno do termo, queremos normalmente referir-nos a uma ação que produz mudança numa situação existente, por meio de gasto de energia. Assim, um homem é considerado ativo quando faz negócios, estuda medicina, trabalha numa usina, fabrica uma mesa ou dedica a esportes. Todas essas atividades têm sido em comum: dirigem-se para um alvo exterior a ser alcançado. O que não se leva em conta é a motivação da atividade: Veja-se, por exemplo, um homem impelido a incessante trabalho por um sentimento de profunda insegurança e solidão; ou outro impulsionado pela ambição, ou pela avidez por dinheiro. Em todos esses casos a pessoa é escrava de uma paixão, e sua atividade ó de fato uma “passividade”, porque ela é impelida; é o paciente, não o “ator”. De outro

lado, alguém que se assente calmo e contemplativo, sem outro alvo que não o de experimentar-se e à sua unidade com o mundo, é considerado como “passivo”, porque não está “fazendo” coisa alguma. E, na verdade, esta atitude de meditação concentrada é a mais alta atividade que existe, uma atividade da alma. Só possível sob condições de independência e liberdade interiores. Um conceito de atividade, o moderno, refere-se ao uso de energia para consecução de metas externas; o outro conceito de atividade refere-se ao uso dos poderes inerentes ao homem, sem que importe a produção de qualquer mudança exterior. Este último conceito de atividade foi formulado com muita clareza por Spinoza. Diferencia ele os afetos entre ativos e passivos, “ações” e “paixões”. No exercício de um afeto ativo, o homem é livre, é o senhor de seu afeto; no exercício de um afeto passivo, o homem é impelido, é objeto de motivações de que ele próprio não tem consciência. Assim Spinoza chega à afirmação de que virtude e poder são uma só e a mesma coisa. (Spinoza, *Ética*, IV, Def. 8) a inveja, o ciúme, a ambição, qualquer espécie de cobiça são paixões; o amor é uma ação, a prática de um poder humano, que só pode ser exercido na liberdade e nunca como resultado de uma compulsão.

O amor é uma atividade, e não um afeto passivo; é um “erguimento” e não uma “queda”. De modo mais geral, o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em dar, e não em receber.

Que é dar? Embora pareça simples a resposta a esta pergunta, ela em verdade é cheia de ambigüidades e complexidades. O equívoco mais vastamente espalhado é o que entende que dar é “abandonar” alguma coisa, ser privado de algo, sacrificar. A pessoa cujo caráter não se desenvolveu além da etapa da orientação receptiva, explorativa, ou amealhadora, experimenta o ato de dar dessa maneira. O caráter mercantil deseja dar, mas só em troca de receber; dar sem receber, para ele, é ser defraudado. (*Man for Himself*, E. Fromm, Londres, Routledge, 1949.) Aqueles cuja principal orientação é não-produtiva sentem que dar é um empobrecimento. A maioria dos indivíduos desse tipo, portanto, recusa dar. Alguns fazem do ato de dar uma virtude, no sentido de um sacrifício. Sentem que, por ser doloroso dar, deve-se dar; a virtude de dar, para eles, reside no próprio ato de aceitação do sacrifício. Para eles, a norma de que é melhor dar do que receber significa que é melhor sofrer privação do que experimentar alegria.

Para o caráter produtivo, dar tem um sentido inteiramente diverso. Dar é a mais alta expressão da potência. No próprio ato de dar, ponho à prova minha força, minha riqueza, meu poder. Essa experiência de elevada vitalidade e potência enche-me de alegria. Provo-me como superabundante, pródigo, cheio de vida e, portanto, como alegre. (Compare-se a definição de alegria dada por Spinoza.) Dar é mais alegre do que receber, não por ser uma privação, mas porque, no ato de dar, encontra-se a expressão de minha vitalidade.

Não é difícil reconhecer a validade desse princípio aplicando-o a vários fenômenos específicos. O exemplo mais elementar está na esfera do sexo. A culminação da função sexual masculina reside no ato de dar; o homem se dá à mulher, dá-lhe seu órgão sexual. No momento do orgasmo, dá-lhe seu sêmen. Não pode deixar de dar, se for potente. Se não pode dar, é impotente. Para a mulher, o processo não é diverso, embora algo mais complexo. Ela também se dá; abre as portas de seu centro feminino; dá, no ato de receber. Se for incapaz desse ato de dar, se só puder receber, é frígida. Nela, o ato de dar volta a ocorrer, não na função de amante, mas na de mãe. Dá de si ao filho que cresce dentro dela, dá seu leite à criança, dá-lhe o calor de seu corpo. Não dar seria doloroso.

Na esfera das coisas materiais, dar significa ser rico. Não é rico quem muito tem, mas quem muito dá. O avaro que ansiosamente receia perder alguma coisa é, psicologicamente falando, a homem pobre, o empobrecido, não importa quanto possua. Quem é capaz de dar si é rico. Põe-se à prova como quem pode conceder de si aos outros. Só quem for privado de tudo quanto vá além das mais simples necessidades da existência será incapaz de gozar o ato de dar coisas materiais. Mas a experiência diária mostra que aquilo que alguém considera como necessidades mínimas depende tanto de seu caráter quanto de suas posses efetivas. É bem sabido que os pobres são mais inclinados a dar do que os ricos. Não obstante, a pobreza além de certo ponto pode tornar impossível dar, e assim é degradante, não só pelo sofrimento que causa diretamente, mas pelo fato de privar o pobre da alegria de dar.

A mais importante esfera de dar, entretanto, não é a das coisas materiais, mas está no reino especificamente humano. Que dá uma pessoa a outra? Dá de si mesma, do que tem de mais precioso, dá de sua vida. Isto não quer necessariamente dizer que sacrifique sua vida por outrem, mas que

lhe dê daquilo que em si tem de vivo; dê-lhe de sua alegria, de seu interesse, de sua compreensão, de seu conhecimento, de seu humor, de sua tristeza — de todas as expressões e manifestações daquilo que vive em si. Dando assim de sua vida, enriquece a outra pessoa, valoriza-lhe o sentimento de vitalidade ao valorizar o seu próprio sentimento de vitalidade. Não dá a fim de receber; dar é, em si mesmo, requintada alegria. Mas, ao dar, não pode deixar de levar alguma coisa à vida da outra pessoa, e isso que é levado à vida reflete-se de volta no doador; ao dar verdadeiramente, não pode deixar de receber o que lhe é dado de retorno. Dar implica fazer da outra pessoa também um doador e ambos compartilham da alegria de haver trazido algo à vida. No ato de dar, algo nasce, e ambas as pessoas envolvidas são gratas pela vida que para ambas nasceu. Com relação especificamente ao amor, isso significa: o amor é uma força que produz amor; impotência é a incapacidade de produzir amor. Este pensamento foi belamente expresso por Marx: “Imaginai — diz ele — o homem como homem e sua relação com o mundo como uma relação humana, e só podereis trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se quiserdes gozar a arte, deveis ser uma pessoa de preparo artístico; se quereis ter influência sobre outras pessoas, deveis ser uma pessoa que tenha sobre outras pessoas influência realmente estimuladora e promotora. Cada uma de vossas relações com o homem e com a natureza deve ser uma expressão definida de vossa vida real, individual, correspondente ao objeto de vossa vontade. Se amais sem atrair amor, isto é, se vosso amor é tal que não produz amor, se através de uma expressão de vida como pessoa amante não fazeis de vós mesmo uma pessoa amada, então vosso amor é impotente, é um infortúnio.” (“*Nationalökonomie und Philosophie*”, 1844, publicado em *Die Frühschriften* de Karl Marx, Alfred Kroner Verlag, Stuttgart, 1953, pags. 300, 301. A tradução é minha.) Mas não é só no amor que dar significa receber. O mestre é ensinado por seus alunos, o ator é estimulado por sua audiência, o psicanalista é curado por seu cliente — contanto que não se tratem uns aos outros como objetos, mas se relacionem uns com os outros genuína e produtivamente.

Quase não é necessário acentuar o fato de que a capacidade de dar depende do desenvolvimento do caráter da pessoa. Pressupõe o alcance de uma orientação predominantemente produtiva; nessa orientação a pessoa superou a dependência, a onipotência narcisista, o desejo de explorar os outros, ou de amealhar, e adquiriu fé em seus próprios

poderes humanos, coragem de confiar em suas forças para atingir seus alvos. No mesmo grau em que faltarem essas qualidades é ela temerosa de dar-se — e, portanto, de amar.

Além do elemento de dar, o caráter ativo do amor torna-se evidente no fato de implicar sempre certos elementos básicos, comuns a todas as formas de amor. São eles: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.

Que amor implica cuidado é mais do que evidente no amor da mãe pelo filho. Nenhuma afirmativa sobre seu amor nos impressionaria como sincera se a víssemos sem cuidado para com a criança, se se desleixassem em alimentá-la, banhá-la, dar-lhe conforto físico; ao passo que seu amor nos impressiona se a vemos cuidar do filho. O caso não difere mesmo quanto ao amor por animais ou flores. Se uma mulher nos diz que ama as flores e vemos que ela se esquece de regá-las, não acreditamos em seu “amor” pelas flores. Amor é preocupação ativa pela vida e crescimento daquilo que amamos. Onde falta essa preocupação ativa não há amor. Esse elemento do amor é belamente descrito no livro de Jonas. Deus disse a Jonas que fosse a Nínive advertir os habitantes de que seriam punidos, a menos que se emendassem de sua má conduta. Jonas foge de sua missão, por temer que o povo de Nínive se arrependa e Deus o perdoe. É um homem de forte senso de ordem e lei, mas sem amor. Contudo, em sua tentativa de evasão, vê-se no ventre de uma baleia, simbolizando o estado de isolamento e encarceramento que a falta de amor e solidariedade lhe trouxe. Deus o salva e Jonas vai a Nínive. Prega aos habitantes como Deus lhe dissera, e a própria coisa que temera acontece. Os homens de Nínive arrependem-se de seus pecados, emendam-se e Deus lhes dá perdão e decide não destruir a cidade. Jonas fica intensamente encolerizado e decepcionado; queria que se fizesse “justiça” e não misericórdia. Afinal, encontra certo conforto à sombra de uma árvore que Deus fizera crescer para ele, a fim de protegê-lo do sol. Mas quando Deus faz a árvore murchar, Jonas fica deprimido e colericamente se queixa a Deus. Responde-lhe Deus: “Tu te lastimas por causa de uma aboboreira que não te custou trabalho algum, nem a fizeste crescer; que nasceu muna noite e numa noite pereceu. E então não hei de poupar a grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e ainda um grande número de animais?” A resposta de Deus a Jonas deve ser entendida simbolicamente. Deus explica a Jonas que a essência do amor é “trabalhar” por alguma coisa e “fazer alguma coisa

crescer”, que amor e trabalho são inseparáveis. Ama-se aquilo por que se trabalha e trabalha-se por aquilo que se ama.

Cuidado e preocupação implica outro aspecto do amor: o da responsabilidade. Hoje em dia, muitas vezes se entende a responsabilidade como denotando dever, algo imposto de fora a alguém. A responsabilidade, porém, em seu verdadeiro sentido, é ato inteiramente voluntário; é a resposta que damos às necessidades, expressas ou não expressas, de outro ser humano. Ser “responsável” significa ter de “responder”, estar pronto para isso. Jonas não se sentiu responsável pelos habitantes de Nínive. Como Caim, poderia indagar: “Sou acaso o guarda de meu irmão?” A pessoa que ama responde. A vida de seu irmão não importa somente a seu irmão, mas também a ela. Sente-se responsável por seus semelhantes, como se sente responsável por si mesma. Essa responsabilidade, no caso da mãe e do filho, refere-se principalmente ao cuidado das necessidades físicas. No amor entre adultos, refere-se principalmente às necessidades psíquicas da outra pessoa.

A responsabilidade poderia facilmente corromper-se em dominação e possessividade se não houvesse um terceiro elemento do amor, o respeito. Respeito não é medo e temor; denota, de acordo com a raiz da palavra (*respicere* = olhar para), a capacidade de ver uma pessoa tal como é, ter conhecimento de sua individualidade singular. Respeito significa a preocupação de que a outra pessoa cresça e se desenvolva como é, Respeito, assim, implica ausência de exploração. Quero que a pessoa amada cresça e se desenvolva por si mesma, por seus próprios modos, e não para o fim de servir-me, Se amo a outra pessoa, sinto-me um com ela, ou ele, mas com ela tal como é, não como eu necessito que seja para objeto de meu uso. É claro que o respeito só é possível se eu mesmo alcancei a independência; se puder levantar-me e caminhar sem precisar de muletas, sem ter de dominar e explorar qualquer outro. O respeito só existe na base da liberdade: “*amour est l'enfant de la liberte*”, como diz velha canção francesa; o amor é filho da liberdade, nunca da dominação.

Respeitar uma pessoa não é possível sem conhecê-la; cuidado e responsabilidade seriam cegos se não fossem guiados pelo conhecimento. O conhecimento seria vazio se não fosse motivado pela preocupação. Há muitas camadas de conhecimento; o conhecimento que é um aspecto do amor é aquele que não fica na periferia, mas penetra até o âmago. Só é

possível quando posso transcender a preocupação por mim mesmo e ver a outra pessoa em seus próprios termos. Posso saber, por exemplo, que uma pessoa está encolerizada, ainda que ela não o mostre abertamente; mas posso conhecê-la mais profundamente do que isso; sei então que ela está ansiosa e preocupada; que se sente só, que se sente culpada. Sei então que sua cólera é apenas a manifestação de algo mais profundo, e vejo-a como ansiosa e preocupada, isto é, como pessoa que sofre, em vez de como a que se encoleriza.

O conhecimento tem mais uma relação — e mais fundamental — com o problema do amor. A necessidade básica de fusão com outra pessoa de modo a transcender a prisão da própria separação relaciona-se muito de perto com outro desejo especificamente humano, o de conhecer “o segredo do homem”. Se a vida, em seus aspectos meramente biológicos, é um milagre e um segredo, o homem, em seus aspectos humanos, é um segredo insondável para si mesmo — e para seus semelhantes. Nós nos conhecemos, e contudo, mesmo apesar de todos os esforços que possamos fazer, não nos conhecemos. Conhecemos nosso semelhante, e contudo não o conhecemos, porque não somos uma coisa, nem o nosso semelhante é uma coisa. Quanto mais penetramos nas profundezas de nosso ser, ou do ser de outrem, tanto mais nos escapa o alvo do conhecimento. Não podemos, todavia, evitar o desejo de penetrar no segredo da alma do homem, no mais interno núcleo do que “ele” é.

Há um meio, um desesperado meio, de conhecer o segredo: é o do completo poder sobre a outra pessoa; poder que a obrigue a fazer o que quisermos, sentir o que quisermos, pensar o que quisermos; que a transforme numa coisa, nossa coisa, possessão nossa. O grau derradeiro dessa tentativa de conhecer reside nos extremos do sadismo, desejo e capacidade de fazer um ser humano sofrer: torturá-lo, forçá-lo a trair seu segredo em seu sofrimento. Nesta avidez de penetrar no segredo do homem, no seu e, portanto, no nosso próprio, está uma motivação essencial da profundidade e da intensidade da crueldade e da destruição. De modo muito sucinto, essa idéia foi expressa por Isaac Babel. Cita ele um sujeito, oficial na guerra civil russa, que acabava de espezinhar seu antigo patrão até à morte, como dizendo: “Com um tiro — vou dizer a coisa deste jeito — com um tiro a gente apenas fica livre de um camarada... Com um tiro, nunca se alcança a alma, onde ela está num sujeito, nem como se mostra. Mas eu não me canso e mais de uma vez já pisoteei um inimigo por mais de uma hora.

Vocês sabem, eu quero chegar a saber o que a vida realmente é, como é a vida aqui no nosso mundo”. (I. Babel, *The Collected Stories*, Criterion Book, Nova York, 1955.)

Quando crianças, muitas vezes vemos com toda a clareza esse caminho para o conhecimento. A criança apanha alguma coisa e quebra-a a fim de conhecê-la; ou apanha um animal; cruelmente arranca as asas de uma borboleta a fim de conhecê-la, de forçar seu segredo. A crueldade, em si, é motivada por algo mais profundo: o desejo de conhecer o segredo das coisas e da vida.

O outro caminho de conhecer o “segredo” é amar. O amor é penetração ativa na outra pessoa, em que meu desejo de conhecer é distilado pela união. No ato da fusão, eu te conheço, eu me conheço, conheço a todos — e nada “conheço”. Conheço pelo único meio por que é possível, para o homem, o conhecimento do que é vivo — pela experiência da união —, e não por qualquer conhecimento que nosso pensamento possa dar. O sadismo é motivado pelo desejo de conhecer o segredo, e contudo permaneço tão ignorante quanto antes era. Despedacei o outro ser membro a membro, e entretanto tudo o que fiz foi destruí-lo. O amor é o único meio de conhecimento que, no ato da união, responde à minha pergunta. No ato de amar, de dar-me, no ato de penetrar a outra pessoa, encontro-me, descubro-me, descubro-nos a ambos, descubro o homem.

A ardente aspiração de nos conhecermos e de conhecer nossos semelhantes encontrou expressão na sentença délfica: “Conhece-te a ti mesmo”. Esta é a fonte principal de toda psicologia. Como, porém, o desejo é o de conhecer tudo sobre o homem, seus mais íntimos segredos, tal desejo nunca pode ser efetivado no conhecimento de tipo normal, no conhecimento só pelo pensamento. Ainda que conheçamos mil vezes mais sobre nós mesmos, nunca alcançaremos o fundo. Permaneceremos ainda um enigma para nós próprios, como nossos semelhantes continuarão sendo um enigma para nós. O meio único de conhecimento completo está no ato do amor: esse ato transcende o pensamento, transcende as palavras. É o mergulho ousado na experiência da união. Contudo, o conhecimento pelo pensamento, que é conhecimento psicológico, torna-se condição necessária para o pleno conhecimento no ato do amor. Preciso conhecer-me, e à outra pessoa, objetivamente, a fim de poder ver sua realidade, ou melhor, de superar as ilusões, o retrato irracionalmente desfigurado que tenho dela. Só

se conhecer objetivamente um ser humano poderei conhecê-lo em sua essência última, no ato de amor.¹

O problema de conhecer o homem é paralelo ao problema religioso de conhecer Deus. Na teologia convencional ocidental, faz-se a tentativa de conhecer Deus pelo pensamento, de fazer afirmações a respeito de Deus. Presume-se que eu possa conhecer Deus em meu pensamento. No misticismo, que é o resultado lógico do monoteísmo (como tentarei mostrar mais adiante), abandona-se a tentativa de conhecer Deus pelo pensamento, que é substituída pela experiência de união com Deus, na qual não há mais lugar para o conhecimento a respeito de Deus — nem há necessidade disso.

A experiência de união com o homem, ou, religiosamente falando, com Deus, não é de modo algum irracional. Ao contrário, é, como Albert Schweitzer mostrou, a conseqüência do racionalismo, sua conseqüência mais audaciosa e radical. Baseia-se em nosso conhecimento das limitações fundamentais, e não acidentais, do que nos é possível conhecer. É o conhecimento de que nunca poderemos “apreender” o segredo do homem e do universo, mas que, não obstante, podemos conhecer no ato de amor. A psicologia, como a ciência, tem suas limitações e, assim como a conseqüência lógica da teologia é o misticismo, também a conseqüência derradeira da psicologia é o amor.

Cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento são mutuamente interdependentes. Constituem uma síndrome de atitudes que vamos encontrar na pessoa amadurecida, isto é, na pessoa que desenvolve produtivamente seus próprios poderes, que só quer ter aquilo por que trabalhou, que abandonou os sonhos narcisistas de onisciência e onipotência, que adquiriu humildade alicerçada na força íntima somente dada pela genuína atividade produtiva.

Até aqui falei do amor como a superação da separação humana, como o cumprimento da aspiração de união. Acima, porém, da necessidade universal e existencial de união ergue-se outra, mais específica, biológica: o desejo de união entre os pólos masculino e feminino. A idéia dessa polarização é mais fortemente manifestada no mito de que, originalmente o homem e a mulher eram um só, de que foram partidos ao meio e, de então em diante, cada ser masculino vem procurando a perdida parte feminina de si mesmo, a fim de voltar a unir-se com ela. (A mesma idéia da unidade original dos sexos está contida na história Bíblica de Eva feita da costela de

Adão, embora nessa história, no espírito do patriarcalismo, a mulher seja considerada secundária em relação ao homem.) A significação do mito é bastante clara.

A polarização sexual leva o homem a procurar a união de maneira específica, a da união com o outro sexo. A polaridade entre os princípios masculino e feminino existe também dentro de cada homem e cada mulher. Assim como, fisiologicamente, o homem e a mulher têm, cada qual, hormônios do sexo oposto, também no sentido psicológico são ambos bissexuais. Levam em si mesmos o princípio de receber e de penetrar, da matéria e do espírito. O homem, tal como a mulher, só encontra união dentro de si na união de sua polaridade masculina e feminina. Essa polaridade é a base de toda criatividade.

A polaridade masculino-feminina é também a base da criatividade interpessoal. Isto se torna biologicamente evidente no fato de ser a união do esperma e do ovo a base do nascimento de uma criança. Não há diferença, entretanto, no reino puramente psíquico: no amor entre homem e mulher, cada um deles toma a nascer. (O desvio homossexual é o fracasso em atingir essa união polarizada, e por isso o homossexual sofre a dor da separação ,nunca solucionada, fracasso, entretanto, de que com ele compartilha o heterossexual comum que não consegue amar.)

A mesma polaridade dos princípios masculino e feminino existe na natureza; não só, como é evidente, em animais e planta, mas na polaridade das duas funções fundamentais, a de receber e a de penetrar. É a polaridade da terra e da chuva, do rio e do oceano, da noite e do dia, da escuridão e da luz da matéria e do espírito. Tal idéia foi belamente expressa pelo grande poeta e místico muçulmano Rumi:

Nunca, em verdade, procura o amante sem ser buscado pelo ente amado.

Quando o raio do amor se atirou neste coração, sabe que existe amor naquele coração.

Quando o amor de Deus cresce em teu coração, sem dúvida alguma Deus tem amor por ti.

Nenhum som de palmas vem de uma só mão sem a outra mão.

A Divina Sabedoria é destino e decreto que nos fazem amantes uns dos outros.

Por este pré-ordenamento, cada parte do mundo se acasala com seu par.

Ao olhar dos sábios, o Céu é homem e a Terra é mulher: a Terra cria o que o Céu deixa cair.

Quando à Terra falta calor o Céu o envia; quando ela perde seu frescor e umidade, o Céu os restaura.

Anda o Céu às voltas como um marido a buscar provisões para a esposa; E a Terra se atarefa com as coisas de casa: cuida dos nascimentos e de amamentar aquilo que

dá à luz. Olha a Terra e o Céu como dotados de inteligência,

pois fazem o trabalho de seres inteligentes. Se ambos não extraem prazer um do outro, por que

então se adulam mutuamente como namorados? Sem a Terra, como poderiam as árvores florir?

Para que, então produziria o Céu água e calor? Assim como Deus colocou o desejo no homem e na mulher, para que o mundo seja preservado por

sua união. Também implantou em cada parte da existência o

desejo da outra parte. Dia e Noite são inimigos externamente; contudo,

ambos servem a uma finalidade. Cada qual ama o outro, a fim de aperfeiçoar sua

obra mútua. Sem a Noite, a natureza do homem não receberia

qualquer rendimento e nada haveria para que

o Dia gastasse.

(R. A. NICHOLSON, Rumi, George Allen and Unwin, Ltd., Londres, 1950, págs. 122-123.)

O problema da polaridade masculino-feminina leva a mais alguma discussão sobre o assunto do amor e do sexo. Já falei anteriormente do erro de Freud em ver no amor exclusivamente a expressão — ou uma sublimação — do instinto sexual, em vez de reconhecer que o desejo sexual

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Arte de Amar"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).